

Linguagem e "espírito" do capitalismo. Uma etnografia sobre as narrativas de transformação do capitalismo a partir de um evento sobre empreendedorismo e inovação¹

Nicolás de Arriba, UFRGS, Brasil

Linguagem, capitalismo, empreendedorismo

RESUMO: Esta etnografia entrelaça conteúdo, performance e linguagem do “espírito” do capitalismo a partir de duas edições do Hacktown, festival de inovação, empreendedorismo e criatividade que se realiza em Santa Rita de Sapucaí (SRS), cidade localizada ao sul de Minas Gerais. Com a intenção de debater questões relativas ao “espírito” do capitalismo manifestadas no evento, empreendi um registro etnográfico que envolve a experiência com o festival e entrevistas com organizadores, público e santa-ritenses de modo geral. O trabalho foi realizado visando a conclusão do curso de Ciências Sociais pela UFRGS e o desenvolvimento do projeto de mestrado. Aqui, sintetizo a pesquisa para o enfoque a ser evoluído a partir da pesquisa já desenvolvida. Direcionado especialmente para a linguagem enquanto fenômeno, a análise é colocada em diálogo com estudos de Luc Boltanski e Ève Chiapello sobre “o novo espírito do capitalismo” e provocações de Nicole Aschoff acerca dos “novos profetas” do capital. Desenvolvo, por fim, o argumento de que se tratando de narrativas de transformações de negócios, pessoas e instituições públicas e privadas presentes no festival, introduzir a linguagem como um elemento que constitui o processo de disseminação do “espírito” do capitalismo se faz necessário, pois é parte do que caracteriza o festival e não apenas um meio de diálogo.

INTRODUÇÃO

Fui apresentado ao contexto em que se desenvolveu essa pesquisa ainda em 2017. Naquela época, os discursos relativos à condução de negócios associados a aspectos sociais presentes em diversos eventos direcionados a esse universo já ocupavam minha atenção. Por um período que, entre o primeiro contato e a escrita, somou mais de quatro anos, acompanhei e presenciei por duas vezes o festival

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Hacktown, um dos principais eventos brasileiros voltados para empreendedores e interessados no assunto.

Trata-se de um festival que acontece no interior de Minas Gerais, na cidade de Santa Rita de Sapucaí. Na última edição, em 2019, recebeu mais de 6 mil pessoas por dia, de todas as regiões do Brasil, durante quatro dias seguidos. Escolhi etnografar o evento porque encontrei, por meio dele, um espaço para abordar questões que me acompanharam durante boa parte da formação em Ciências Sociais. Mesmo sabendo que não é o único em relação ao tema, o Hacktown tem algo de especial: a combinação de uma série de fatores que o aproximam de outros eventos globais relativos ao tema e a própria riqueza de detalhes existente na sua criação, na cidade em que acontece e no público que viaja para participar do festival.

Tratando-se da etnografia, ela enfatizou um aspecto que se mostrou relevante na minha primeira participação no Hacktown em 2018: a linguagem. Ainda, para contextualizar o evento, o interesse se direciona também para a cidade-sede, os fundadores do festival e a experiência do público. Contudo, a forma como as pessoas, ou parte delas, falam e se comunicam ao longo do fim de semana, principalmente em relação às escolhas de palavras para expressar suas experiências, foi o grande enfoque.

Essa abordagem foi orientada pelo que Monica Heller descreve sobre linguagem ao se referir a ela “não como uma janela transparente para os processos sociais, mas sim um elemento constitutivo dele” (HELLER, 2011, p. 49, tradução minha). Ampliando a abordagem, contudo, uso o conceito de **mediadores**², um substituto para a noção de actantes sugerida por Appadurai em relação ao estudo de “entidades agentivas”, para ampliar a interpretação do evento em seu aspecto de linguagem. Isso, pois, tendo que a mediação, como coloca Appadurai³, produz materialidade como efeito de suas operações - sendo mais do que apenas tradução, comunicação ou associação⁴ - a

² I contend that the normative paralysis that the new materialisms seem to induce can be avoided by moving our focus away from all “actants” (to use Latour’s famous term) to a smaller class of agentive entities that I propose to call “mediants.” (APPADURAI, 2015, p. 222).

³ Most generally, mediation may be seen as an effect of which some sort of materiality is always the condition of possibility. But this materiality does not preexist mediation, any more than speech preexists language, pictures preexist images, or the eye preexists vision. The two sides of this relationship always exist and work together, as two sides of the same thing. (APPADURAI, 2015, p. 224/5).

⁴ Seen this way, mediation is more than simple association, relation, or juxtaposition. It becomes something more like a “mode of materialization,” the definition I would propose for mediation as a practice, assemblage, or site, as clearly distinguished from media, which is the specific historical technology of this mediation, such as print, telegraph, cinema, and so forth. (APPADURAI, 2015, p. 233)

linguagem como característica do evento se torna um terreno significativo para refletir as materialidades dos discursos no Hacktown.

Dessa forma, esse “espírito” do capitalismo composto por um discurso (como será mostrado na sequência) repleto de termos mediadores, quando analisados na perspectiva de uma materialidade dinâmica da mediação⁵, movimentam o estudo para outras perspectivas. Isso porque os significados de tais mediadores, até certo ponto, ficam suspensos, tornam-se um espaço de possibilidades que assumem sua materialidade em suas relações, visto que sua materialidade não preexiste, já que “materiality and mediation are best treated as mutual conditions of possibility and as effects of each other” (APPADURAI, 2015, p. 233).

Portanto, ao interpretar os discursos do evento nessa perspectiva, foi possível produzir as principais reflexões geradas por esta etnografia. Isso porque a linguagem encontrada é significativa para pensar o Hacktown: primeiro por ser um fator chave do engajamento do público com o conteúdo exposto; segundo, porque permitiu interpretar o evento como também um **fenômeno de linguagem**, inspirado na interpretação dada por Appadurai aos derivativos do mundo financeiro⁶.

O que se pretende dizer, nesse sentido, é que boa parte do conteúdo e das conversas existentes ao longo do festival é expresso por uma série de mediadores – no caso, a linguagem presente no festival –, que, se em certo sentido parece contribuir para engajar e envolver o público, em outro, torna seu significado momentaneamente suspenso, dado que ela assume uma perspectiva de materialidade dinâmica de mediação. Dito de outra forma, é um festival que atrai pessoas que querem aprender mais sobre inovação e empreendedorismo de modo geral. Contudo, ele não entrega uma materialização específica desses mediadores, e sim, cria um espaço em que isso é debatido e materializado de diversas formas, desenvolvendo uma linguagem que

⁵ Suffice it to say that once we recognize the dynamic materiality of mediants, seen as individuals that interact to produce various materialities, ideas such as class, interest group, multitude, mass, and public all will need to be rethought, both because their elementary units are no longer sovereign post-Enlightenment subjects and because their mediant energies make sense only in relation to many non human mediants and actants. (APPADURAI, 2015, p. 235)

⁶ In a chain of links that contemporary finance has made indefinitely long, the derivative is above all a linguistic phenomenon, since it is primarily a referent to something more tangible than itself: it is a proposition or a belief about another object that might itself be similarly derived from yet another similar object. (APPADURAI, 2016, p. 4).

atravessa os participantes; inclusive, permitindo que os mesmos a reproduzam e a levem adiante, independente de possuírem ou não uma materialidade definida.

VIVENDO O HACKTOWN

Resumir o festival em poucas palavras não é uma tarefa simples. Experienciar ele, é perceber que os detalhes não são coadjuvantes e questões que muitas vezes, em um espaço de troca de conhecimento, são fatores secundários, ali são tão protagonistas quanto. Em um congresso, digamos tradicional, por mais que o intervalo entre palestras e atividades criem um espaço de troca interessante; no Hacktown o caminho entre uma atividade e outra é um valor reconhecido por quem participa, já que é um momento para conhecer a cidade, interagir com moradores, visitar comércios locais e, sim, trocar com outros participantes.

Tudo isso, contudo, é feito em intervalos de 15 minutos entre uma palestra e outra. No total, tem-se a oportunidade de acompanhar 8 atividades por dia. Com uma programação de mais de 600 opções, dividido em 4 dias de evento, o participante é obrigado a fazer constantemente escolhas, que de certa forma, é uma das estratégias e características do evento. Espalhado pelo centro da cidade, cafés, escolas, universidades e praças, viver o Hacktown exige um comportamento ativo, um preparo e, principalmente, um certo desapego - como é o caso do almoço, em que se tem apenas 15 min para fazer caso você queira acompanhar o máximo de palestras possíveis.

O motivo do evento se espalhar pela cidade não é um acaso. Santa Rita de Sapucaí, uma cidade do sul de Minas Gerais com pouco mais de 40 mil habitantes, é repleta de situações inusitadas; é uma referência em tecnologia, mas conta com uma origem cafeeira. Com características marcantes de cidade interiorana é apresentada como um grande polo de empreendedorismo⁷. Carrega o nome da santa padroeira das causas impossíveis. É conhecida pelas festas religiosas, por ser um polo de eletrônica e de ensino, pelo carnaval e, mais recentemente, por ser o local de um dos maiores festivais de tecnologias e empreendedorismo.

⁷ No livro-programação do Hacktown, a apresentação de o porquê ser Santa Rita de Sapucaí a cidade-sede do evento vem acompanhada da menção à imagem de “Vale da Eletrônica” e do número de empresas do ramo existentes na cidade: quatro empreendimentos para cada mil habitantes, a maior concentração da América Latina, como informa o panfleto.

Durante minha passagem conversei com moradores, prefeito à época, professores, comerciantes, enfim, uma série de personagens que me permitiram acessar um pouco da história da cidade, suas contradições e, até certo ponto, identificar motivos para ela se tornar uma figura importante, talvez entre uma das principais, do festival. Em conversa com um dos fundadores, inclusive, ele me reforçou que mesmo sabendo que o evento poderia se mudar para cidades como São Paulo, o Hacktown não poderia existir sem Santa Rita de Sapucaí.

Com efeito, a própria relação entre o festival e SRS passam por componentes históricos. No livro-programação do evento, ela é apresentada como “O Vale da Eletrônica”, *slogan* que acompanha a cidade desde a década de 1980, quando um projeto da prefeitura que tinha objetivo de reanimar a economia local foi formulado junto à iniciativa privada. Em livro⁸ que carrega no título o mesmo *slogan*, Carlos Romero Carneiro conta a história da relação da cidade com tecnologia e relata o encontro entre o prefeito da cidade à época, Paulo Frederico de Toledo, com publicitários de uma grande agência de São Paulo, que interpretaram a cidade como uma espécie de Califórnia brasileira e denominaram-a como o “Vale da Eletrônica”.

Os motivos para tal interpretação, que deram nome ao projeto bem sucedido, iniciam pelo reconhecimento da potência tecnológica da cidade que tem origem na criação da primeira escola técnica de eletrônica da América Latina e a sétima no mundo em 1959 por Sinhá Moreira, figura importante no imaginário tecnológico da cidade, referenciada constantemente como a primeira empreendedora de SRS⁹. Seis anos depois, viria a fundação do Instituto Nacional de Telecomunicações (Inatel), polo de ensino da cidade, responsável pelo fomento da mentalidade empreendedora e tecnológica e, inclusive, um dos motivos, historicamente, de muitos jovens de outras regiões se mudarem para SRS. É, também, onde ocorre boa parte das atividades do Hacktown, que é uma espécie de resultado de toda essa história da cidade, do seu polo

⁸ Em conversa extensa com Diego “Dice”, grafiteiro que trabalho com Hip Hop e faz parte atualmente da Secretaria de Cultura da cidade, comentei que havia recebido o livro “O Vale da Eletrônica” do prefeito buscando saber o que ele pensa sobre a relação de SRS com tecnologia, em resposta ele me disse: “esse livro é o da casa-grande”, fazendo uma alusão de que a história da cidade tem dois lados.

⁹ Luzia Renô Moreira, conhecida como Sinhá Moreira, é uma importante figura no imaginário da cidade. Filha de um coronel, faz parte de uma família que contou com empresários e políticos importantes, como Delfim Moreira. Casada com um diplomata, viajou para diversos locais e foi quem, por vontade própria, construiu a Escola Técnica de Eletrônica (ETE); enquanto alguns dizem que a inspiração veio da sua estadia no Japão, outros afirmam que foi em um encontro com Albert Einstein. Tratada, hoje, como a primeira empreendedora da cidade, ela ganhou uma peça de teatro e é constantemente referenciada pelo seu importante papel na criação do ímpeto tecnológico da cidade.

eletrônico, do desejo dos fundadores e de uma inspiração internacional (o SXSW que ocorrem em Austin nos EUA, local que inclusive, dois dos quatro fundadores se conheceram).

Fundado por Carlos Henrique Vilela, João Rubens Costa Fonseca, Marcos David e Ralph Peticov, o Hacktown é um evento que, oficialmente, apresenta-se como “uma oportunidade de você invadir sua própria mente, instalando um novo sistema operacional de código aberto” e que recebe público de todos os cantos do país. A frase aparece em destaque no *website* oficial do festival ao lado de uma garça robótica que faz referência a um símbolo da cidade de Santa Rita de Sapucaí: as garças que diariamente sobrevoam, por volta das 17h, o Rio Sapucaí, dando um pequeno espetáculo, que fez com que elas entrassem na programação oficial do festival. “Ideias diferentes, conexões de impacto” é uma espécie de assinatura do evento que se define como: “Uma cidade pequena no sul de Minas Gerais. Tomada por mais de 600 palestras, *showcases* e *workshops* rolando simultaneamente. Em um festival para impactar positivamente a vida das pessoas, de forma transformadora e definitiva, através do compartilhamento de experiências e informações”.

UM ESPÍRITO DO CAPITALISMO NO HACKTOWN

Presenciar o festival, que na apresentação institucional é anunciado como um espaço para compartilhar experiências e informações, é viver o encontro de uma série de ideias, estudos e experiências que giram em torno de uma vontade de transformar desde uma perspectiva subjetiva até empresarial. É um evento que se direciona, majoritariamente, para profissionais de mercados diversos, mas que oferece um grande volume de atividades para que os mesmos reflitam suas subjetividades. Começa com a possibilidade de sessões de yoga entre 7h e 9h da manhã e termina com uma série de shows de bandas independentes¹⁰. Coisas que parecem não fazer parte do mesmo universo são cuidadosamente organizadas em um evento pensado para um mundo contemporâneo de negócios. Não por acaso, a literatura antropológica nos oferece caminhos para refletir sobre o evento a partir de dilemas significativos do capitalismo nos tempos atuais.

¹⁰ O evento desde sua criação conta com uma parcela importante destinada ao universo da música, não só palestras e atividades direcionados a esse público, como uma programação de shows de bandas independentes do Brasil inteiro acontecem durante os 4 dias. Em conversa com um dos fundadores eles me explicaram que isso aconteceu com a junção do Hacktown com um festival que já era realizado na cidade de música independente. Ambos, segundo eles, beneficiaram-se dessa junção.

Dessa forma, começarei contextualizando o que foi apresentado por Boltanski e Chiapello, focando no que os autores apresentam como a emergência de um novo **espírito do capitalismo**, para contextualizar e criar a base de discussão empreendida nesta pesquisa. Para expandir a interpretação, uso a concepção de Aschoff (2015), que escreve sobre narrativas proféticas, elucidando um novo espaço de crítica ao capitalismo que não o desafia em si, para descrever a forma que as críticas surgidas no evento se desenvolvem.

EMERGÊNCIA DE UM “ESPÍRITO” DO CAPITALISMO NA DÉCADA DE 90

Na literatura da antropologia econômica, é conhecida a capacidade de transformação do capitalismo e de sua eficiência para lidar com a crítica, produzir sentidos, mobilizar pessoas e se resignificar conforme o tempo. Ao longo de suas épocas, sua dimensão ideológica está sempre se reconfigurando para, em certa medida, manter seu caráter atraente e de garantias essenciais para a sua sobrevivência como modelo. Um dos mecanismos para compreender essas transformações é o estudo do “espírito” do capitalismo, que se entende, em sua qualidade de ideologia dominante, como um conjunto de representações mentais com capacidade de permear e se infiltrar em diferentes discursos e narrativas da sociedade, fornecendo representações legítimas e esquemas de pensamento, alcançando, assim, caráter difuso e geral. Em forma de prescrição, além de constatação, as faces do “espírito” do capitalismo não se resumem a um caráter técnico, tampouco seria somente moral. Lidando com questões de seu tempo, articula recursos variados para manter o seu caráter de ideologia dominante (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

Voltando-se para a literatura de gestão empresarial, Boltanski e Chiapello analisam sua produção na França nas décadas de 1960 e 1990 para abordar o capitalismo no fim do século XX¹¹. A partir disso, os autores constatam que, na transformação do capitalismo no fim do século XX, o seu caráter ideológico, apesar de lidar com certa eficiência com o estímulo e apresentar natureza atraente, é deficiente na sua dimensão de justiça. Um dos motivos, apontam, poderia ser que, enquanto os textos dos anos 1960 apresentam uma formulação tardia, ou seja, para algo que já estava

¹¹ Esse gênero literário, eles mostram, tem como característica dar conselhos relativos à condução dos negócios, por se destinarem desde a sua origem àqueles que se colocam como os novos heróis da economia e têm como um de seus valores mais importantes a própria constituição como um dos principais veículos de difusão e vulgarização de modelos normativos no mundo das empresas (2009).

estabelecido, a literatura dos anos 1990 apresenta um novo espírito em construção, que não teria ainda atingido sua formulação mais mobilizadora (2009).

Para construir suas análises, Boltanski e Chiapello partem da ideia de que o “espírito” do capitalismo, no fim do século XX, estava em crise. E, nesse sentido, um dos principais elementos identificados nessa transição é que haveria uma mudança no “espírito” do capitalismo de um foco mais racional, preocupado em modificar o caráter mobilizador e de justiça, para um enfoque centrado na motivação e na **pessoalização** dos negócios¹². Entende-se esse processo como a eliminação de um antigo modelo empresarial, sustentado na hierarquia, na planificação e no *status* de executivo, para a reintrodução de critérios de pessoalidade e a importância das relações pessoais que tinham sido esvaziadas (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 116).

O Hacktown reflete e traduz muitos dos conceitos explorados por Boltanski e Chiapello em relação ao “espírito” do capitalismo emergente no fim do século passado. Na literatura de gestão empresarial da década de 1990, tratada pelos autores, diferentemente daquela da década de 1960, exaltavam-se e se provocavam qualidades que indicavam menos uma racionalidade e mais uma **pessoalidade** nos negócios, como ser comunicativo e sensível com as diferenças, atrair-se pelo informal, buscar contatos interpessoais, ser criativo e possuir uma intuição visionária (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 130).

Nesse sentido, não haveria necessidade de procurar muito na programação do evento para encontrar palestras com títulos como “Gestão colaborativa centrada em pessoas”, “Como transformar cidades pela criatividade” ou “Por que somos difíceis de conviver?”. A própria construção do Hacktown, com o entendimento de que palestrantes e público pertencem à mesma categoria de envolvidos, os **protagonistas**¹³, é uma forma de reduzir a hierarquia entre os que são fontes de conteúdo e os que são seus

¹² Assim, por exemplo, as qualidades que, nesse novo espírito, são penhores de sucesso – autonomia, espontaneidade, mobilidade, capacidade rizomática, polivalência (em oposição à especialização estrita da antiga divisão do trabalho), comunicabilidade, abertura para os outros e para as novidades, disponibilidade, criatividade, intuição visionária, sensibilidade para as diferenças, capacidade de dar atenção à vivência alheia, aceitação de múltiplas experiências, atração pelo informal e busca de contatos interpessoais – são diretamente extraídas do repertório de maio de 68. (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 130).

¹³ Em conversa com um dos fundadores, ele me explicou o uso do termo protagonistas para designar o público: “A gente trata os participantes como protagonistas porque acreditamos que cada pessoa é uma história, cada um faz o seu Hacktown. Todo o evento é pensado para ter a experiência dele no centro de tudo”.

consumidores. Isso não significa, contudo, que o evento que pesquisei se configura como uma manifestação do que a literatura de gestão empresarial da década de 1990 apresentava, mas que ambos se relacionam com essa ideologia dominante ou até em construção de um espírito do capitalismo emergente.

O(S) SENTIDO(S) DO HACK

O mundo está acelerado, tudo mudando! As tecnologias se desenvolvendo de forma exponencial, o jeito de fazer negócios, de entender o trabalho, as relações entre as pessoas... tudo!!! As feridas, os problemas, as contradições históricas que sempre fingimos não ver estão todas escancaradas e clamando a necessidade para irmos além de discursos disruptivos e bonitos. O chamado é para transformação verdadeira e consistente! Nos últimos anos o ativismo se fortaleceu, cada um encampou suas causas, gritou, argumentou, atuou, fez acontecer de diferentes formas, mas agora chega! Nós do Hacktown, viciados em tendências como somos, entendemos que essa fase já está passando. Como plataforma de transformação, espaço que dá voz para os protagonistas, percebemos que o próximo passo é a UNIÃO. Já ouvimos o que precisava ser dito, já expressamos as nossas dores. Chegou a hora de fazer acontecer somando as diversidades... todas elas!!! A união é o grande trend!!!” (Programação, Hacktown 2019, 2019).

Sintetizar a proposta do Hacktown em um assunto seria reduzir toda a diversidade do evento; em geral, o que se pode dizer é que ele carrega uma crítica ao sistema econômico - e possíveis soluções -, tanto na forma como se apresenta quanto no conteúdo de suas palestras. Contudo, a origem dessa crítica não está em trabalhadores que se associam em sindicatos ou em minorias que mostram a desigualdade nas relações econômicas. São profissionais especializados em diferentes áreas – mais próximos de uma elite, ao menos nas ideias – do que da população mais periférica e pobre. Pode-se dizer, aliás, que o próprio capitalismo faz parte do financiamento do festival, seja pelo apoio de empresas que enviam funcionários, seja pelo patrocínio ao evento, que, na edição de 2019, partiu de empresas como Google, Nubank e Sebrae, para citar apenas algumas.

A crítica presente no festival, nesse sentido, aproxima-se daquilo que Aschoff (2015) expõem como os novos profetas do capitalismo: uma geração de *storytellers* (contadores de histórias) que tem pessoas como Bill Gates, fundador da Microsoft e da Gates Foundation, e Sheryl Sandberg, CFO (chefe de operações) do Facebook. O poder desses “profetas” para atrair pessoas, segundo Aschoff, está associado a carisma e visão de mundo contada por meio de histórias que fornecem explicação e solução para problemas sociais. Estes novos contadores de histórias, ou *storytellers*, apresentam soluções práticas para os problemas da sociedade que podem ser encontrados nas

estruturas e lógicas existentes de produção e consumo voltadas para o lucro. Mais ainda, são soluções orientadas para o mercado que se propõem a resolver desde desigualdade social a degradação do meio ambiente. São visões que têm significado coerente e sistemático e que se apresentam como possíveis e alcançáveis dentro do próprio capitalismo, não sendo uma oposição a ele (ASCHOFF, 2015).

Em sua extensa programação, que carrega figuras de diversos espaços sociais, tem-se como característica um olhar para pessoas que apresentam, além de crítica, uma solução, como exposto nas próprias palavras da organização: “chegou a hora de fazer acontecer”, uma alusão, em certa medida, a quem faz ou quer fazer e não a quem só quer discutir. Além disso, em sua maioria, são figuras reconhecidas no universo empresarial ou com passagens bem-sucedidas¹⁴.

O evento é, portanto, uma crítica ao atual *status* das relações profissionais, das estruturas produtivas e de consumo. No entanto, é também uma narrativa, em parte, aliada à nova “profecia capitalista” anunciada por Aschoff, pois, mesmo criticando a estrutura das relações econômicas, apresenta soluções por meio dessa crítica. Isso demonstra que o evento integra uma narrativa mais ampla, de dilemas globais. Assume formato sedutor, produzindo uma sensação de que é possível viver o capitalismo de forma distinta; colocando-se, intencionalmente ou não, como uma narrativa que participa de uma crença atual do capitalismo em sua capacidade de mudar de dentro. Inclusive, essa foi, em parte, a resposta que eu recebi quando questionei diversas pessoas sobre o significado de **hackear**.

Para Aschoff, no entanto, apesar dessa perspectiva destacar problemas reais associados ao capitalismo, as soluções propostas não desafiam o capitalismo e seus efeitos destrutivos. De certa forma, elas inclusive estabeleceriam os termos a serem debatidos ao mesmo tempo em que sobressaem em relação às perspectivas que realmente o desafiariam (ASCHOFF, 2015). Aqui, mais do que tratar dos riscos sobre

¹⁴ No painel de abertura, por exemplo, presenciei a chefe de operações (COO) da IBM no Brasil, um empreendedor formado nos institutos da cidade e a head de comunicação da TransferWise Brasil, tratando sobre qual papel a tecnologia assumiria no futuro. Frases como “empresas existem para gerar lucro, não são instituições que tão ali por nada” acompanhadas de menções ao fato de que IBM Watson (uma inteligência artificial desenvolvida pela IBM) contribui com o desenvolvimento de pesquisas para curar o câncer ao mesmo tempo em que desenvolve soluções de negócio são acionadas para tratar da relação de empresas com os problemas sociais e econômicos.

assumir tal perspectiva¹⁵, quero explorar como ela integra uma visão mais ampla sobre ideologias presentes no capitalismo.

O festival não se resume a uma narrativa. Seguindo sua matriz de pensamento, materializada na ideia de hackear estruturas, o Hacktown comporta uma série de narrativas. Da minha experiência, em três momentos presenciei o que Aschoff (2015) apresenta como propostas que desafiam a lógica de produzir para lucrar. O primeiro foi na palestra de Macaulay Souza de Abreu, apresentado na programação como caboclo amazônida e empreendedor na Onisafra, que proferiu a fala “Hackeando a Amazônia: além da floresta”. Na segunda oportunidade, foi ouvida Solange Luz, content (produtora de conteúdo) na Voicer In, na palestra “Tecnologia e favela: elementos essenciais para a construção do futuro”. Por fim, a terceira foi quando assisti ao Dexter, referência no hip hop nacional desde os anos 1990 e que fundou o grupo de rap 509-E da penitenciária de Carandiru. Passando 13 anos no sistema prisional, produziu diversos álbuns, inclusive premiados, até sua soltura, em 2011, época em que voltou aos palcos. Sua fala mesclada com suas músicas foi apresentada na programação com o título “Como vai seu mundo?”.

A forma que as três atividades ocupam o espaço e desafiam a *profecia* são distintas. Primeiro, Macaulay começa descrevendo que a exploração da floresta amazônica tem uma matriz econômica que em sua origem não priorizava a proteção. A mudança, nesse sentido, precisaria ser nessa matriz. Acontece que soluções praticadas por empresas como a Natura, hoje vistas como positivas no mercado, inclusive sendo uma empresa bastante referenciada e que tem profissionais palestrando no evento, não a transformam. Macaulay conta que por ser um empreendimento momentâneo, em que a comunidade é desenvolvida para atuar junto a empresa por um período específico, a solução que não é definitiva - a não ser por um breve momento - desenvolve e deixa a própria sorte a comunidade em questão. O que muitos casos, inclusive, acaba prejudicando ainda mais a comunidade pois ela se adapta a uma realidade de crescimento econômico pouco sustentável depois. A partir dessa e de outras críticas, o empreendedor amazonense apresenta aquelas, que para ele, são soluções

¹⁵ Para Aschoff, as crenças de que soluções para as nossas dificuldades estão no refinamento do atual sistema político e econômico, na expansão do alcance do mercado capitalista e em ter corporações como solucionadoras dos nossos problemas para conquistar uma vida melhor, não produzem uma alternativa. Pelo contrário, tornam ainda mais resistentes às relações de poder, a busca pelo lucro e as estruturas de acumulação (ASCHOFF, 2015).

transformadoras: “para proteger a Amazônia, precisamos parar de falar somente em floresta e começar a falar das pessoas que vivem lá, são elas que podem proteger a floresta”. É preciso apresentar e construir formas para que essas pessoas encontrem um sustento econômico que explore a floresta de forma positiva - afirma Macaulay ao trazer exemplos de produção de chocolates com cacau silvestre e ecoturismo¹⁶ - que se tem uma alternativa efetiva, focada nas pessoas, para proteger a floresta.

Também com perspectiva periférica, Solange Luz narra sua trajetória. Apresenta-se como uma pessoa que saiu da periferia paulista para conhecer de São Paulo Fashion Week até a sede de empresas como Google, e falou sobre como vê o que é a tecnologia da favela e por que é importante. Se no primeiro momento ficou encantada com todo o acesso ao qual estava tendo, hoje percebe que muito do que ela vivia na periferia era tão ou até mais tecnológico. “Hoje é muito bonito falar que vivemos na era das redes? Vai lá na periferia e me diz se eles não vivem em redes lá no beco. Eles só não sabem que isso é viver em rede, mas eles já vivem isso.” Indo além, ela disse que passou muito tempo achando que tudo o que acessou precisava ser levado para a periferia. Hoje, contudo, acredita que isso deveria ser uma via de mão dupla, pois a periferia também tem tecnologia e precisa ser levada para o centro¹⁷. Durante sua fala, apresentou casos de pequenos mercados e a forma como atendiam clientes, assim como trouxe o feito de uma agência que já estimulou mais de 500 empreendedores na periferia.

O terceiro e último caso a ser abordado como exemplo de narrativa alternativa é menos pelo seu conteúdo e mais pela experiência produzida – especialmente pelo público envolvido. Em alguns poucos espaços do festival era permitida a entrada de pessoas que não adquiriram ingressos, iniciativa da organização que cresce a cada ano, como descobri posteriormente. Um deles era o palco Dágora, que carrega o nome da

¹⁶ Macaulay cita dois casos de propostas que realmente criam condições, segundo ele, para uma nova matriz econômica que proteja a floresta: o primeiro, é o caso de Roberto que durante muito tempo foi um cortador de madeira, em muitos casos ilegal, e que hoje é um guia de turismo comunitário; “antes eu derrubava a floresta, agora eu a protejo”, disse em certa ocasião. O segundo caso citado é de Arthur, que produzindo chocolates com cacau silvestre, consegue oferecer para coletores 10 reais por quilo ao invés dos dois reais que tradicionalmente são oferecidos.

¹⁷ Uma vez, eu perguntei para um grupo de adolescentes da periferia o que eles gostariam de aprender que eu iria atrás de um curso. Pra minha surpresa, responderam curso de cabeleireiro, e eu achando que eles iriam querer algo de programação. Aí agora eu pergunto, o que vai ser automatizado antes? Nos dizem que é preciso ir para o “polo”, sentar e aprender como faz. Eu cheguei a levar acesso pra eles de volta, mas eles não tavam dando pra mim, e isso é colonizar. Agora eu tento aprender com eles também. (Fala de Solange Luz).

empresa de um dos fundadores do festival. Localizado na praça em frente da Câmara de Vereadores, a programação teve um olhar orientado, apesar de não exclusivo, à educação. Dessa forma, no sábado, fim do dia, o palco recebeu uma figura que carrega características pouco encontradas no evento. Dexter, conhecido pelas suas letras de *rap* carregadas de alusões à superação e à transformação da vida e por sua capacidade de produzir um diálogo conectado com a realidade da periferia e de grupos menos favorecidos, apresentou-se, contou sua história e – no sentido mais característico do gênero – conversou, por meio de rimas¹⁸, com um grupo bastante específico que eu, ao longo do festival, era pouco encontrado. Ao meu lado, famílias com isopor e bebida trazida de casa; trabalhadores que vieram direto do expediente, como é o caso, de um gari ainda uniformizado. Um público que não era do festival, por aquele breve momento vivenciava uma parte do Hacktown; ao mesmo tempo, um público que talvez nunca assistiria aquela potente fala do Dexter, viu-se de frente com aquelas palavras.

Dessa forma, o Hacktown não é em si uma expressão de uma única ideia, nem mesmo de uma ideologia. Em conversa com um dos fundadores, o evento sempre foi colocado como uma plataforma para narrativas diferentes. É possível estar nele e viver uma única narrativa, assim como é possível viver diversas, presenciar conversas sobre negócios, encontrar histórias de prosperidade e sucesso ou até refletir sobre liberdade e prazer enquanto se experimentam inúmeras novidades. Convite esse que sempre é reforçado pela organização: procurem o diferente. O sentido de hackear, com efeito, pode, inclusive, ser encontrado no próprio evento. Ao mesmo tempo em que se têm executivos da Natura palestrando, tem-se um empreendedor amazonense mostrando alternativas e críticas ao modelo econômico de exploração da floresta da empresa. A intenção, portanto, não é estabelecer o evento como um desafiador do capitalismo ou uma expressão pura de sua ideologia, e sim como um conglomerado de expressões e narrativas existentes e que refletem sobre seu *status* como sistema social, cultural, político e econômico.

¹⁸ As primeiras palavras de Dexter: “sua mente pode ser seu melhor amigo ou seu pior amigo. Essa semana, me vi na capa da revista da Gol ao lado de um juiz, que ironia. Quando eu vi a capa, eu chorei. Obviamente, eu não me orgulho do passado, do que eu fiz com minha mãe. Eu me orgulho do que eu faço hoje. Mas o período no presídio me ensinou muito. Rap é a música que fala diretamente contigo. O rap, de fato, liberta. Eu era o cara que não tinha me descoberto ainda, aí descobri que essa música fazia parte da cultura hip hop, uma cultura que salva vidas no mundo todo. Como Vai seu Mundo? [começa a rimar e cantar a música]. Eu tenho andado tão sozinho ultimamente. Que nem vejo à minha frente. Nada que me dê prazer...” (fala de Dexter)

HACKTOWN: UM FENÔMENO DE LINGUAGEM

Como colocado na introdução, mesmo que o festival seja um terreno interessante para discutir dimensões importantes das reflexões contemporâneas da antropologia econômica - explorado nas seções anteriores - o fato etnográfico que chamou atenção desde a primeira inserção no campo, foi a linguagem - algo bastante identificável nos recortes colocados até aqui, como é o caso do termo protagonistas para se referir ao público do evento. Ela se tornou um elemento importante deste trabalho, na medida em que diferentes usos de palavras, assim como a presença constante ou até a utilização específica por certas pessoas são pistas para identificar um ponto em comum no que proponho como **narrativa do evento**. Isso porque a linguagem é um construtor de realidade social e não uma janela transparente para ele (HELLER, 2011).

Dessa forma, interpreto o festival em si como um fenômeno de linguagem, inspirado por Appadurai que ao refletir sobre a crise de 2007/2008 no sistema financeiro estadunidense¹⁹, dos derivativos²⁰ como uma modalidade de contrato especulativo e do colapso do mercado imobiliário norte-americano, apresenta uma proposta relevante para interpretar certos **mediadores** em uma perspectiva ampla. Como já mencionado, a linguagem e as diversas estratégias de fala, tão marcante no festival, é composta por uma série de mediadores que criam condições para que os diversos atores consigam dialogar, pertencer e disseminar categorias importantes de um “espírito” do capitalismo que muitas vezes tem seu significado pouco determinado.

Com efeito, o festival como um todo, não se caracteriza por um troca de conhecimento que tem suas bases bem pré-definidas para o público. Um exemplo está no fato de boa parte dos ingressos serem vendidos muito antes de sua programação ser divulgada. Não só isso: mesmo aqueles que não participam da organização, ao promover o festival, acionam não a base de conteúdo, ou somente ela, mas seu caráter performático, ou seja, a **experiência** como um todo. Até o momento de fazer o credenciamento e ter acesso ao livro da programação, dificilmente se sabe a que de fato

¹⁹ In a chain of links that contemporary finance has made indefinitely long, the derivative is above all a linguistic phenomenon, since it is primarily a reference to something more tangible than itself: it is a proposition or a belief about another object that might itself be similarly derived from yet another similar object. Since the references and associations that compose a derivative chain have no status other than the credibility of their reference to something more tangible than themselves, the derivative's claim to value is essentially linguistic. (APPADURAI, p. 4, 2016).

²⁰ The derivative is an asset whose value is based on that of another asset, which could itself be a derivative. (APPADURAI, p. 4, 2016).

se vai assistir nem o que acompanhará ou experienciará durante o fim de semana alongado. O que se sabe, é que categorias mediadoras, como inovação e empreendedorismo, farão parte das conversas.

Citando um caso, na minha primeira experiência com o Hacktown, durante uma palestra, conheci três professoras e coordenadoras de cursos de ensino superior de uma universidade privada do Paraná; na ocasião, perguntei os motivos delas estarem no evento, a resposta: “para levar essa vontade de **inovar** de volta”. Não havia clareza do que isso significava, tampouco do que elas buscavam; o que se percebeu, é como esse mediador, com significado variáveis, preencheu esse espaço de dúvida em que sua materialidade tem uma condição de possibilidades.²¹ São inúmeros exemplos que seguem esse mesmo movimento e compõem isso que está sendo tratado como a linguagem do evento. Em meus primeiros contatos com o festival tal situação se repetiu; era meu primeiro dia na cidade, indo em direção ao credenciamento, entrei em uma casa que contou com palestras e shows ao longo do fim de semana. Recepcionado por uma mulher, ainda sem saber do que se tratava o local, ela nos conta que não era da cidade, que a casa - uma república de estudantes - foi alugada por dois palestrantes. “Esse ano entramos na programação. Não só festas e *shows* como palestras vão ocorrer no espaço. Esse espaço é de vocês, para a gente e da gente para vocês. A gente quer **conectar** as pessoas.”, relatou.

O termo conectar é destacado aqui porque ele se tornou chave para direcionar o enfoque à linguagem. Isso, pois, algumas semanas antes dessa ocasião, estava com organizadores de um outro evento que segue os mesmos moldes do Hacktown e acontece em Porto Alegre - cidade que resido. Na ocasião, os organizadores do Black Sheep (nome do evento), usaram a mesma palavra - conectar - para se apresentar e iniciar nossa conversa. Ainda, o mesmo uso surgiu em meu primeiro encontro com um dos fundadores do festival, pouco depois da minha primeira edição no Hacktown.

Presente em espaços distintos, porém no mesmo universo de festivais sobre empreendedorismo e inovação, esse uso se mostrou comum nesses lugares. Com o tempo, percebi que seu objetivo era o de reforçar que nestes casos, a relação que se estava criando entre as pessoas era distinta, de contribuição mútua, o que associado a

²¹ Most generally, mediation may be seen as an effect of which some sort of materiality is always the condition of possibility. But this materiality does not preexist mediation, any more than speech preexists language, pictures preexist images, or the eye preexists vision. (APPADURAI, p. 224, 2015).

uma série de outros termos, iriam compor uma linguagem “conectada” ao “espírito” do capitalismo presente no festival.

Outros estudos já expuseram como a linguagem é um componente importante desses espaços. Louise Scoz Pasteur de Faria apontou em seu trabalho com *startups* que a própria entrada no campo “depende da capacidade do pesquisador de dominar uma certa linguagem e uma lógica de gestão que pode parecer opaca para muitos” (2018, p. 16), reforçando que isso afeta aspectos comunicacionais e até um modo de pensar o mundo. Outro caso é no trabalho de Carolina Dalla Chiesa, que estudou financiamentos coletivos *online*, buscando uma perspectiva antropológica sobre projetos e empreendedores. Citando Bel Pesce, personagem que conquistou e perdeu de forma surpreendente o *status* de empreendedora de sucesso, enunciando o que foi chamado por portais da *internet* de “empreendedorismo de palco” (DALLA CHIESA, 2017), mostram mais uma vez a presença de um tipo de linguagem repleta de mediadores que, como está sendo exposto aqui, podem indicar que há um potencial fenômeno de linguagem nas discussões que perpassam esse “espírito” do capitalismo.

Em certa palestra, na qual previa a existência desses usos, ouvi a seguinte fala: “Não tem que pensar mais como **sistema**, tem que pensar como **plataforma**. Crie **conexões**, crie um **campo magnético**, promova **fluxos de valor**”. Mesmo que pareça estar fora de contexto, presenciei essa linguagem de forma contínua na palestra “Movimento do Corporate Hacker”, apresentada por Carlos Alberto de Sousa, “aprendiz em tecimento de redes, construção de pontes, ligação de silos, conexão de elétrons livres, ontologia e serviçal no centro de estudos orientais Shuang Tzu”, como aparecia na programação do evento. Descobri depois que Carlos Alberto de Sousa é formado em Jornalismo e atua como pesquisador na Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig), como consta de seu perfil na rede social LinkedIn. Na palestra, apresentou-se como fundador do Movimento Corporate Hacker no Brasil e consultor de inovação, explicando que Corporate Hacker era um *site* francês no qual ele se ofereceu para assumir a responsabilidade de traduzir o conteúdo para o português, além de trazer o movimento para o Brasil.

Ao acessar o *site*, a primeira mensagem é: “chegou o momento de uma economia melhor, os líderes do amanhã são os hackers de hoje!”²². Em certa medida, foi sobre isso

²² Disponível em <https://imfusio.com/corporatehackers/pt/>. Acesso em 7 set. 2020.

que Carlos Alberto tratou na palestra que durou cerca de 50 minutos. Em tom de conversa, contou histórias e provocou a reflexão carregada de expressões inspiradas no universo de programação e tecnologia, sobre como é preciso desenvolver uma nova mentalidade e quebrar regras para inovar e desenvolver empresas e uma economia melhor. Nesse sentido, identifiquei, pela fala, que a ideia de **tecimento de redes** na descrição faz referência à provocação e à aproximação de pessoas, empresas, grupos e conhecimentos de ambientes distintos e diversos. **Construção de pontes** seria sobre aproximar universos que não conversam normalmente; e **conexão de elétrons livres** é, de certa forma, o ato de dar um novo sentido para coisas (pessoas, conhecimento, empresas, grupos) que estão perdidas em espaços tradicionais, seja da economia, seja do conhecimento.

O início da fala tem algo ainda mais marcante, pois o palestrante questiona os protagonistas presentes acerca do motivo que os levou a escolherem tal palestra. Um rapaz que aparentava ter entre 25 e 30 anos falou seu nome e disse que estava ali porque, quando leu o texto da programação, não entendeu nada da proposta e, por isso, estava ali. O palestrante riu e, em resposta, disse: “Se você não se sentir desconfortável, é porque não é novidade”, perguntando, ainda: “O que você acha de hackear a palestra?”. O rapaz respondeu: “Não faço a menor ideia do que seja isso”. É verdade que o desconhecimento em relação ao conteúdo não é uma novidade envolvendo palestras. Neste caso, no entanto, foi na linguagem que o desconhecimento se apresentou.

É a partir desses elementos, portanto, que interpreto o festival como um fenômeno de linguagem, pois ele acaba tendo em sua *performance* de linguagem um atrativo - ou até uma barreira - que mobiliza e envolve seu público. Até certo ponto, o próprio Hacktown faz uma denúncia em suas apresentações institucionais a isso ao afirmar: “é preciso ir além dos discursos disruptivos e bonitos”. E foi vivenciando o evento que pude fazer um extenso registro dessas diferenças, de um discurso carregado de mediadores que tem em sua materialidade uma condição de possibilidade (APPADURAI, 2015). Palavras como *frequência*, *innovar*, *plataforma*, *valor*, *sistema*, *conectar*, *propósito*, *empreender*, *hackear*, *colaborar*, *co-criar*, *tecnologia* associado a uma metaforização e formulação de analogias constante criam uma diálogo entre os participantes que engaja, envolve mas que em grande medida tem seus significados suspensos, tornando sua materialidade uma condição de diversas possibilidades.

Um exemplo disso, captei em um diálogo com umas das minhas principais interlocutoras ao longo da pesquisa, quando recebi um áudio por Whatsapp, poucos dias após a edição de 2019, que mostra ao mesmo tempo uma insatisfação com o ambiente profissional, a presença de um vocabulário digno de Hacktown e uma dificuldade de materializar suas dúvidas.

Eu tava pensando que foi a melhor coisa que tu fez é não voltar a trabalhar essa semana, sabe. Foi muito bom. Porque é muito bosta voltar, sério! Eu adoro onde eu trabalho, eu adoro as pessoas. Mas é que é um negócio de... Que tem aí, que é o que vou te escrever pro teu trabalho até... que tu chega aqui, a galera tá em outra **frequência**, de, tipo, esse negócio de **colaboração**, **cocriarão**, tipo assim, é muito chocante. Isso que eu recém cheguei, é um turno e tu já sente uma coisa muito diferente (...). Eu já fui numas reuniões assim, e já ficava assim, meu deus... Como é que faz aquilo? Porque a gente não sente que tá trabalhando pra mesma coisa, ou trocando a mesma coisa... Enfim, é só um desabafo. (Débora Fritzen).

Com dificuldade de colocar em palavras, os mediadores que marcam a linguagem estudada surgem para descrever a situação; contudo, ao invés de preencher o vazio com uma materialidade, eles preenchem com uma condição de possibilidades. Frequência, colaboração, co-criação ou até a referência, “como é que faz aquilo?”, indicam uma dificuldade de colocar em palavras o sentimento de insatisfação e o desejo de mudança que envolve a realidade profissional que ela vivencia.

Por fim, mesmo que houvesse a intenção, é difícil sintetizar motivos para tal fenômeno acontecer. Essa linguagem, atravessada por mediadores, indica diversos caminhos - menos o acaso. Boltanski e Chiapello já haviam apontado que o conjunto crítico da literatura de gestão empresarial francesa da década de 1990 fazia referência a um novo sistema de valores que se esboçava e pretendia responder às demandas de autenticidade e liberdade e era conhecido, historicamente, como a “crítica estética”. Mas que falhava, nesse sentido, com a questão de desigualdade e egoísmo expressos na “crítica social” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 129). Os autores, ainda, chamam atenção para a mudança expressiva que acontece entre a literatura da gestão empresarial da década de 60 e 90²³; diferença essa que não é identificada, como foi visto aqui, entre as ideias e propostas encontradas no Hacktown em relação a década de 90. Tendo em

²³A literatura de gestão empresarial dos anos 90 contém ideais, propostas de organização humana, modos de ordenamento dos objetos e formas de garantia que são de natureza tão diferente daquilo que se encontra na literatura de gestão empresarial dos anos 60 que é difícil não reconhecer que o capitalismo mudou muito de espírito ao longo dos últimos trinta anos, ainda que a nova configuração não possua a força mobilizadora à qual a figura anterior conseguira chegar, pelo fato de estar incompleta no plano da justiça e das garantias. (BOLTANSKI, CHIAPPELO, 2009, p. 129).

vista que a crítica é um dos componentes centrais da formação do espírito do capitalismo de uma época (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 129), a permanência do que surgiu na década de 90 nos indicam que não se superou tais críticas.

Entendo, por fim, que essa é uma das primeiras chaves para aprofundar a análise sobre o fenômeno de linguagem identificado no festival: a permanência, a reconfiguração, a adaptação ou até desenvolvimento da crítica para uma crítica semelhante que, agora, é composta por uma linguagem repleta de mediadores. As soluções, as críticas que, de certa forma, permanecem as mesmas, mas com uma nova configuração de linguagem, indicam um possível objeto relevante para os estudos do “espírito” do capitalismo. Pois, como já situado, a linguagem, as estratégias, os usos não são uma janela transparente para os processos sociais, sim algo que constitui o processo social (HELLER, 2012, 1992); ou seja, pensar o “espírito” do capitalismo em sua linguagem, nesse caso, o fenômeno de linguagem contido nele, é abrir a interpretação antropológica para outras possíveis questões, principalmente em quais sentidos ou motivos tal linguagem se desenvolveu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao identificar esse fenômeno, entendo que o estudo do “espírito” do capitalismo pode se desenvolver em dois sentidos: um primeiro, é aquele que se refere ao conjunto de ideias e representações mentais que são uma espécie de prescrição, moral e técnica, sobre a condução de negócios, ou seja, o próprio “espírito” do capitalismo introduzido aqui pelos estudos de Boltanski e Chiappelo. No seu segundo sentido, é necessário refletir sobre os desdobramentos que a narrativa desse “espírito” gera ao ser repleta de mediadores, como é identificável no Hacktown. Partindo da principal característica de um mediador, em que sua materialidade não preexiste a mediação e a mediação não preexiste materialidade²⁴, o discurso desse “espírito”, em geral, tem seus significados potencialmente suspensos, pois sua materialidade é dependente das relações em questão. Ou seja, ao considerar a mediação como um “modo de materialização”²⁵, percebe-se

²⁴ Most generally, mediation may be seen as an effect of which some sort of materiality is always the condition of possibility. But this materiality does not preexist mediation, any more than speech preexists language, pictures preexist images, or the eye preexists vision. The two sides of this relationship always exist and work together, as two sides of the same thing. (APPADURAI, 2015, p. 224/5).

²⁵ Seen this way, mediation is more than simple association, relation, or juxtaposition. It becomes something more like a “mode of materialization,” the definition I would propose for mediation as a practice, assemblage, or site, as clearly distinguished from media, which is the specific historical technology of this mediation, such as print, telegraph, cinema, and so forth. (APPADURAI, 2015, p. 233)

como o espaço ocupado pelas diversas falas e conselhos relativos ao mundo de negócios, quando repleta de mediadores, permite um diálogo que não depende da materialização do discurso em si; e sim, apenas do uso deles. Como é o caso das professoras universitárias que foram buscar uma “vontade de inovar”; não há uma demanda específica, tampouco uma resposta direta para uma questão como essa. Ainda assim, os mediadores conseguem ocupar esse espaço e parecem provocar uma sensação de movimento nas pessoas, mesmo quando há pouca materialidade no discurso ou até a indicação de alguma ação.

Bibliografia:

APPADURAI, Arjun. *Banking on Words: The failure of language in the age of derivative Finance*. Chicago: The University of Chicago Press, 2016.

APPADURAI, Arjun. *Mediants, Materiality, Normativity*. Duke University Press: 2015.

ASCHOFF, Nicole. *The new prophets of capital*. Nova York: Verso, 2015.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DALLA CHIESA, Carolina. *Financiamentos coletivos online: uma perspectiva antropológica sobre projetos e empreendedores*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172939> Acesso em 9 dez. 2021.

FARIA, Louise S. P. *O poder dos sonhos: uma etnografia de empresas startup no Brasil e no Reino Unido*. 2018. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018. Disponível <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/179408> Acesso em 9 dez. 2021.

HELLER, Monica. *Paths to Post-nationalism: A critical ethnography of language and identity*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

HELLER, Monica. The politics of codeswitching and language choice. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 13, n. 1-2, 1992, p. 123-142.